

Aquisição de Língua Brasileira de Sinais por Surdos Adultos: Uma Proposta de Trabalho

Vera Regina Loureiro

Mestranda em Lingüística Aplicada da UFRJ; psicopedagoga e professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES

Resumo:

O presente artigo apresenta uma proposta de trabalho, desenvolvida em colaboração com uma professora surda, que tem como principais objetivos promover a aquisição da competência comunicativa em Língua Brasileira de Sinais por surdos adultos e ampliar o conhecimento de mundo destes aprendizes que freqüentam o curso noturno da 1ª fase do Ensino Fundamental do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. Os novos procedimentos metodológicos discutidos são orientados por uma visão sociointeracional de aprendizagem e de linguagem que entende que a construção de conhecimento e de significados

ocorre na interação discursiva. Os processos de ensino-aprendizagem e de aquisição de linguagem são situados em um determinado contexto sócio-histórico, isto é, realizam-se em um determinado espaço e tempo, sendo construídos socialmente.

Abstract:

The main purpose of this study is to present the proposal of new methodological procedures regarding the acquisition of communicative competence in Brazilian Sign Language by deaf adults. The theoretical framework adopted derives from socio-

interactional processes that are socio-historically situated and in which participants try to construct meaning and knowledge. This teaching/learning experience was carried out at the National Institute for the Education of the Deaf – Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, during the years of 1999 and 2000. It involved fifty deaf adult learners with no proficiency in Sign Language who attended the first four grades of elementary school in an evening course, a deaf teacher, native speaker of Brazilian Sign Language and a hearing teacher as co-participant and coordinator.

Agradeço a Alice Maria da Fonseca Freire (UFRJ) pelo incentivo e sugestões para a realização deste trabalho.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

“Em cada língua, além do uso que ela tem na esfera da comunicação, os seres humanos se expressam, se descobrem, se inventam. Cada idioma, elaborado coletivamente ao longo de séculos, manifesta determinados modos de sentir, de pensar e de viver de um determinado grupo humano”. (Leandro Konder).

As questões acerca da aquisição da linguagem por pessoas surdas têm sido alvo, por parte de lingüistas, de estudos e pesquisas ao longo das últimas quatro décadas. A partir dos estudos de Stokoe (1960), foi conferido *status* lingüístico às línguas de sinais na medida em que essas foram reconhecidas como línguas gestuais-visuais autônomas que compreendem os níveis fonológico, lexical, sintático, semântico e pragmático (Ferreira Brito, 1993). Passa-se, então, a entender a língua de sinais como primeira língua das pessoas surdas pela possibilidade de aquisição natural e espontânea, por ser uma língua gestual-visual, em oposição à aquisição artificial de uma língua de modalidade oral-auditiva. Atualmente, a primeira língua não é definida pelo momento em que ocorre a aquisição mas, principalmente, por uma questão de identificação com o grupo social e por ser aquela que, segundo Romy Andersson (1994), “é usada para socialização, para expressar e entender sentimentos, para dar e receber informação, sendo utilizada

de maneira criativa. A primeira língua tem, também, papel fundamental no desenvolvimento do pensamento, possibilitando a produção de operações mentais complexas”. Para que a aquisição natural ocorra, no entanto, é preciso que haja interação com pessoas fluentes na língua, isso porque a língua não é um sistema fechado e acabado a ser explicado, mas sim, como afirma Savignon (1983: 187), “ela é nosso principal elo com o mundo à nossa volta, é interação entre pessoas”.

As dificuldades com que se deparam profissionais ouvintes e aprendizes surdos na interação em sala de aula (e fora dela) e os constantes fracassos encontrados no processo de ensino-aprendizagem têm caracterizado a educação de surdos. A situação é ainda mais desastrosa no ensino de jovens e adultos, pela urgência que se apresenta de escolaridade para o mercado de trabalho e de ampliação do conhecimento de mundo para possibilitar uma participação social efetiva e o exercício da cidadania por parte desses indivíduos. Outro fator que parece agravar essa situação é a dificul-

dade de reconhecimento das comunidades surdas como minorias lingüísticas e do entendimento que este grupo, bem como os imigrantes ou os povos indígenas, é falante de uma língua que não é a oficial do país em que vivem. Questões em relação à primeira língua – L1 – das pessoas surdas surgem então a seguir: Como se dá a aquisição da primeira língua? Como a língua de sinais é adquirida naturalmente pelos surdos se estes são, em sua grande maioria – 96% da população surda –, (Behares, 1993) oriundos de famílias ouvintes?

“Eles não sabem nem a própria língua!” passou a ser uma frase bastante dita em reuniões e nos corredores da instituição em que trabalho. Mais uma vez, a explicação para o fracasso dos alunos, seja em português ou em qualquer outra disciplina, recai sobre eles mesmos. Se não têm L1, como irão aprender uma segunda língua?

A realidade, no Brasil, é que muitos, desses surdos adultos passaram anos de suas vidas convivendo apenas com ouvintes em suas famílias e escolas e, portanto, não tiveram a oportunidade de entrar em contato com a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Grande parte só irá deparar-se com essa língua na vida adulta, iniciando seu aprendizado através da interação com outros surdos, mais ou menos competentes do que eles, para suprir uma necessidade de comunicação.

Numa tentativa de responder a uma demanda dos professores em relação à

competência lingüística de seus aprendizes surdos na primeira língua, a Língua Brasileira de Sinais, iniciei, em conjunto com Heloise Gripp¹, a proposta de trabalho de aquisição de LIBRAS por aprendizes surdos, no curso noturno para jovens e adultos da 1ª fase do Ensino Fundamental do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. As aulas, denominadas aulas de conversação em LIBRAS, ocorrem uma vez por semana, com duração de 1 hora/aula de 40 minutos, em cada uma das quatro turmas do setor.

Esse trabalho é orientado por uma visão sociointeracional de aprendizagem e de linguagem em que a língua, entendida segundo Vygotsky como sistema simbólico socialmente compartilhado, é instrumental na aquisição do conhecimento, ao mesmo tempo em que introduz a criança no curso de um desenvolvimento sócio-histórico (Correa, 1999). O sociointeracionismo incorpora essa visão e a natureza dialógica e social da linguagem desenvolvida por Bahktin (Souza, 1998). Nessa abordagem, a linguagem é compreendida como sendo construída na interação com os outros e situada num determinado contexto histórico e social. A linguagem é parte constitutiva das identidades dos indivíduos, já que é através dela que nos relacionamos com o mundo e com os outros. A aprendizagem é entendida como um processo que envolve duas ou mais

pessoas em interação e que tem como objetivo a construção de conhecimento comum. É um processo dinâmico que só acontece na interação social e que é determinado pelo contexto sócio-histórico. Toda aprendizagem é situada, isto é, realiza-se num determinado espaço e tempo em que todos os sujeitos envolvidos contribuem para a construção do conhecimento, entendendo o conhecimento como uma construção social (Moita Lopes, 1997).

Compreendendo que o processo de ensino-aprendizagem é como uma via de mão dupla em que o conhecimento é construído por todos os envolvidos

promover o desenvolvimento da competência comunicativa na 1ª língua – LIBRAS, e ampliar o conhecimento de mundo. Trata-se de uma situação bastante peculiar de ensino, na medida em que estes aprendizes encontram-se em processo de aquisição tardia de sua primeira língua em um contexto de instrução formal de sala de aula, pela primeira vez.

A sala de aula de línguas é entendida aqui como espaço onde se aprende língua para construir significados; e aprender a construir significados é aprender a se construir como sujeito discursivo, fato este que traz implicações

Nessa abordagem, a linguagem é compreendida como sendo construída na interação com os outros e situada num determinado contexto histórico e social.

num determinado contexto sócio-histórico e que a aquisição de uma língua é fruto de um processo constante de negociação de significados que ocorre na interação discursiva, o trabalho desenvolvido no Serviço de Educação de Jovens e Adultos - SEJAD tem como principal objetivo oportunizar a interação dos adultos surdos com uma falante nativa da Língua Brasileira de Sinais (professora surda) em situações formais de ensino-aprendizagem, para

para os processos de construção da identidade social do aprendiz (Moita Lopes, 1997).

A concepção de competência comunicativa, discutida por Hymes (1972), se opõe à visão de competência lingüística do “falante ideal” desenvolvida por Chomsky (1965, apud Savignon 1983) e aponta a interação social como aspecto fundamental da linguagem do “falante real” a ser analisada. Para Hymes, a competência comunicativa depende da

¹Professora surda e estudante de Pedagogia, atualmente monitora e instrutora de LIBRAS no INES.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

... Hymes (1972), se opõe à visão de competência lingüística do "falante ideal" desenvolvida por Chomsky (1965, apud Savignon 1983) e aponta a interação social como aspecto fundamental da linguagem do "falante real" a ser analisada.

colaboração de todos os participantes envolvidos na interação social e pode ser analisada a partir de quatro parâmetros que, segundo ele, encontram-se subjacentes ao comportamento comunicativo, que são: as escolhas do que é formalmente possível na língua, do que é plausível, do que é apropriado em relação ao contexto de uso e do que é necessário para a realização da língua.

O conceito de competência comunicativa foi redefinido por Savignon como *proficiência funcional da linguagem; a expressão, interpretação e negociação de significado envolvendo interação entre duas ou mais pessoas que pertencem a uma mesma (ou diferentes) comunidade(s) discursiva(s), ou entre uma pessoa e um texto escrito ou oral* (Savignon, 1983: 303).

A partir dos conceitos apresentados, foram elaborados os objetivos, abaixo relacionados, que orientaram nossa proposta de trabalho:

1. Vivenciar uma experiência de interação comunicativa em Língua Brasileira de Sinais com um par mais competente e falante nativo da língua.
2. Identificar a Língua Brasileira de Sinais como língua natural da comunidade surda do Brasil.

3. Reconhecer a existência de outras línguas de sinais de diferentes grupos sociais e de diferentes países.
4. Expandir a interação com outros surdos.
5. Aprimorar a competência comunicativa na Língua Brasileira de Sinais.
6. Construir conhecimento sistêmico sobre a Língua Brasileira de Sinais.
7. Ampliar o conhecimento de mundo.
8. Conhecer e valorizar aspectos da cultura da comunidade surda.
9. Reconhecer a situação bilíngüe em que vivem e a função social da 2ª língua (português).

As aulas de conversação em LIBRAS são desenvolvidas através de uma prática comunicativa onde a proposta é apresentar e debater temas do cotidiano a partir de fatos noticiados na televisão, em jornais, ou vividos pelos próprios aprendizes e que despertem seu interesse, envolvendo-os em uma participação ativa. Busca-se informar, discutir e aprofundar questões da atualidade, relacionando suas causas e conseqüências e levando os surdos adultos a uma reflexão e relação com suas experiências pessoais. Essas aulas acontecem uma vez por semana, com duração de 1 hora/aula de 40 minutos, em cada uma das

turmas do Serviço de Educação de Jovens e Adultos – SEJAD do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

O grupo de alunos atendidos é constituído por todos aqueles que frequentam as turmas de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental do curso noturno. Esses aprendizes têm idades entre 17 e 45 anos, são filhos de ouvintes, nasceram surdos ou ficaram surdos nos primeiros anos de vida, já repetiram diversas vezes as séries iniciais, moram distante da escola e estão, em sua maioria, desempregados. Apresentam diferentes níveis de competência comunicativa em língua de sinais, sendo que alguns demonstram grandes dificuldades na compreensão e uso (expressão) da LIBRAS, com prejuízo na interação com colegas e professores. É importante ressaltar que a escolaridade destes aprendizes tem se realizado a partir de um modelo oralista de educação de surdos e que o contato com a Língua Brasileira de Sinais só se deu na adolescência ou na vida adulta. É importante observar também que estes surdos adultos têm a oportunidade de interagir com outros falantes da língua de sinais nos diversos espaços da instituição escolar e não apenas na sala de aula.

A professora surda Heloíse Gripp é falante nativa da Língua Brasileira de Sinais, tendo adquirido essa língua na interação natural com seus pais, irmão, tios e primos surdos. Possui formação de professora e o adicional de matemá-

tica, podendo lecionar até a 6ª série. Trabalhou durante seis anos como professora do 1º segmento do Ensino Fundamental em uma escola particular para surdos, vem trabalhando há três anos como monitora e como instrutora de LIBRAS para familiares ouvintes na instituição e cursa a Faculdade de Pedagogia.

Como parte da construção desse trabalho, são realizadas, semanalmente, reuniões com a professora surda. Nessas reuniões, planejamos os temas a serem desenvolvidos, selecionamos e elaboramos materiais e recursos didáticos

como observadora, mas como participante ativa e colaboradora, pois esse fato possibilita uma real orientação e supervisão do trabalho nas reuniões semanais.

São utilizados diferentes recursos, tais como: jornais, revistas, mapas geográficos, filmes em vídeo, publicações sobre surdez e sobre diferentes comunidades surdas, noticiários de televisão etc., de acordo com as necessidades dos temas debatidos e dentro das possibilidades reais da instituição.

Ao final de cada semestre, é realizada uma avaliação individual em língua

cutir e avaliar nosso trabalho com os professores regentes.

Considerações Finais

O processo de aquisição da Língua Brasileira de Sinais e o uso desta língua nas interações em contexto de sala de aula constituem-se como grandes desafios para educadores e pesquisadores no Brasil. Os preconceitos ainda existentes em relação à língua de sinais e o escasso número de profissionais surdos que atuam na educação são as principais dificuldades encontradas.

Este trabalho caracteriza-se como uma proposta de atuação e de estudo do processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais por surdos adultos numa perspectiva sociointeracionista.

A grande maioria dos surdos tem sofrido as conseqüências da desvalorização da língua de sinais e da pressão, por parte dos ouvintes, do aprendizado da fala como objetivo central da educação que têm recebido. O resultado é que não apresentam proficiência nem em sua primeira língua nem na língua oral ou escrita da comunidade ouvinte.

As aulas de conversação em LIBRAS têm sido um momento para ampliar o conhecimento de mundo dos alunos, possibilitar maior troca de informações e percepções dos eventos familiares, escolares, sociais e políticos que os rodeiam e aprimorar a competência na sua primeira língua, já que a interação com a professora surda ocorre natural-

Buscamos, nesses encontros, aprofundar nossos conhecimentos sobre os tópicos que serão debatidos através de leituras e troca de informações. Considero fundamental, também, a minha presença nas aulas, não só como observadora, mas como participante ativa e colaboradora...

e discutimos as estratégias a serem utilizadas no processo de ensino-aprendizagem. Esse planejamento precisa ser flexível para incorporar interesses e curiosidades dos alunos ao dia-a-dia da sala de aula. Buscamos, nesses encontros, aprofundar nossos conhecimentos sobre os tópicos que serão debatidos através de leituras e troca de informações. Considero fundamental, também, a minha presença nas aulas, não só

de sinais para observar não só o desempenho lingüístico dos aprendizes surdos, como também o conhecimento adquirido sobre os conteúdos explorados nas aulas.

Participamos também, eu e a professora surda, das reuniões de orientação pedagógica e dos conselhos de classe da equipe do Serviço de Educação de Jovens e Adultos, quando, então, temos a oportunidade de apresentar, dis-

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

mente, de maneira diferente do que acontece com os professores ouvintes, quando os bloqueios de comunicação e os mal-entendidos são freqüentes.

Cabe ressaltar, no entanto, que, durante o processo de negociação de significados que acontece na interação discursiva em sala de aula, os aprendizes surdos, muitas vezes, parecem se confundir nas tentativas de comunicação com a professora surda. Pude perceber o uso ou a tentativa de utilização de palavras em português oral quando encontravam dificuldade de expressarem-se na língua de sinais. Parece-me que, após tantos anos buscando algum

tipo de comunicação com familiares e profissionais ouvintes, essa prática de comunicação oral, mesmo que mal sucedida, esteja automatizada, tendo se tornado um comportamento do qual não têm consciência. Outro fator que também interfere no processo é o de que, talvez, para esses surdos adultos, a visão que têm de escola, professores, pessoas que detêm o saber, esteja diretamente ligada ao fato de serem ouvintes. Essa é a experiência de vida que acumularam e que, portanto, os leva a resistir à nova situação e a não reconhecerem, na professora surda, um lugar de autoridade.

Considerando o ineditismo da proposta e o fato de ser um trabalho que vem se construindo e reformulando durante o próprio processo, acredito que o mesmo vem contribuindo para o ensino de jovens e adultos surdos no INES e que deva expandir-se para os outros segmentos da escola e para a educação de surdos em geral, através da implantação de uma política de aquisição de primeira língua, Língua Brasileira de Sinais, e de formação e contratação de profissionais surdos, que possam vir a atuar no ensino de aprendizes surdos de todas as idades.

Referências Bibliográficas

ANDERSSON, R. Second Language Literacy in Deaf Education. In: AHLGREN, I. & HYLSTENSTAM, K. (eds.) *Bilingualism in Deaf Education*, Hamburg: Signum-Verl, 1994.

ANDERSSON, Y. Deaf People as a Linguistic Minority. In: AHLGREN, I. & HYLSTENSTAM, K. (eds.) *Bilingualism in Deaf Education*, Hamburg: Signum-Verl, 1994.

BEHARES, L. E. Nuevas Corrientes en la Educacion del Sordo: de los enfoques clinicos a los culturales. *Cadernos de Educação Especial*, Santa Maria, RS, n.4, 1993.

BERNARDINO, E. L. *Absurdo ou Lógica?: a produção lingüística do surdo*. Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000.

CHAUDRON, C. *Second Language Classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

CORREA, L. M. S. Aquisição da Linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. *D.E.L.T.A.*, Vol.15, n° Especial, 1999 (339-383).

FERREIRA BRITO, L. *Integração social e educação de surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

FREIRE, A.M. da F. Aquisição do português como segunda língua: uma proposta de currículo. *Espaço*. Rio de Janeiro: INES, p. 46-52, 1998.

HYMES, D. On Communicative Competence. In PRIDE, J.B. e HOLMES, J.(orgs.). *Sociolinguistics: Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin, 1972.

KONDER, L. A morte das línguas. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 8 jan. 2001. Opinião, p. 7.

MOITA LOPES, L.P. "Reconstrução das identidades sociais de gênero e sexualidade no discurso da sala de aula de línguas". Trabalho apresentado no XIV ENPULI, 1997, mimeo, no prelo.

SAVIGNON, Sandra J. *Communicative Competence: Theory and Classroom Practice*. Reading, Mass: Addison-wesley Publishing Company, 1983.

SOUZA, R. M. de *Que palavra que te falta? Lingüística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.